BEBER O MAR COM AS MÃOS EM CONCHA: QUANDO O CORPO FEMININO ENCONTRA O QUE NÃO PODE CONTROLAR NA CLÍNICA GESTÁLTICA

Beatriz Nascimento Andrade Moura
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-4870-6921
Endereço eletrônico: bia.kskmento@gmail.com

Palavras-chave: Gênero; Corpo Feminino; Imperativo de Controle; Gestalt-terapia; Clarice Lispector.

INTRODUÇÃO

Na clínica com mulheres cisgênero, um padrão se repete: relatos impecavelmente organizados, corpo presente, mas ausente da narrativa, dificuldade de localizar emoções no corpo. Segato (2012) demonstra que o controle sobre o corpo feminino é produto do projeto colonial moderno. Queiroz (1997) mostra como esse controle se sedimenta no modo de perceber: a leitora gendrada[1] é aquela cujo organismo foi formado por expectativas que determinam o que deve ser avaliado antes de ser experienciado. Zanello (2018) demonstra como esse imperativo produz corpos em vigilância permanente que interrompem sistematicamente o contato com a própria experiência. Quando esse padrão se cristaliza, o sofrimento psíquico não é o problema: é a solução que o organismo encontrou para sobreviver. Como afirmam Perls, Hefferline e Goodman (1997), todo ajustamento criativo[2], mesmo aquele que aprisiona, nasceu como resposta inteligente às condições do campo. A Gestalt-terapia, base epistemológica e clínica deste trabalho, uma abordagem da psicologia de base fenomenológica e existencial, propõe que o trabalho clínico consiste em criar as condições para que o contato interrompido possa ser retomado, condições que nem sempre chegam pela palavra direta.

[1] Queiroz (1997): posição de sujeito constituída pelo gênero no ato de perceber, formada por expectativas que determinam o que é seguro sentir e o que deve ser avaliado antes de ser experienciado.
[2] Perls, Hefferline e Goodman (1997): resposta do organismo ao campo que nasceu como solução inteligente para um problema real e se torna problemática quando se cristaliza, repetindo-se mesmo que o campo já não a exija.

Este trabalho apresenta um recorte de pesquisa narrativa de base fenomenológica em andamento, centrado no uso do conto Banhos de Mar, de Clarice Lispector, como meditação guiada em sessões clínicas online com mulheres cisgênero. O objetivo é investigar o que a imensidão evocada pelo mar produz no corpo de mulheres cujo padrão de contato é organizado pelo controle, e como o gesto central do conto, beber o mar com as mãos em concha, cria condições para que esse padrão seja encontrado e suspenso. A escolha de Clarice não é apenas clínica: é política. Queiroz (1997) identifica sua obra como escrita que interpela a leitora gendrada porque opera de dentro da experiência feminina. Nunes (1989) demonstra que a escrita clariceana não fala sobre a experiência: ela é a experiência. Gotlib (2013) mostra que a obra de Clarice pode ser lida como mapeamento dos caminhos que a mulher pode encontrar para se libertar do que a aprisiona.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Banhos de Mar termina com uma pergunta sem resposta: *aqueles banhos em jejum eram tão bons que me pergunto até hoje por que deixei de tomá-los. Nunca mais. Nunca mais. Nunca*. Essa estrutura, acumulação sensorial, imersão, ruptura sem consolo, é, na acepção de Jauss (1994), um texto de distância estética alta: não confirma o horizonte de expectativas, não oferece conforto. Para a mulher educada para controlar e resolver, um texto que recusa a resolução é, em si, um gesto de resistência (Zanello, 2018). O gesto de beber o mar aparece após a admissão de insuficiência da linguagem: *bem sei que não estou transmitindo o que significavam como vida pura esses banhos*. As mãos em concha não dominam o mar: recebem uma porção dele. É o que Amatuzzi (2001) descreve como o movimento que a psicoterapia busca: o texto funcionando como isca para o que estava vago e sufocador no organismo da cliente. Nos três casos, a imensidão produziu experiências radicalmente distintas, o que demonstra que o dispositivo encontra cada organismo no padrão específico pelo qual interrompe o contato com o que é imenso (Perls, Hefferline e Goodman, 1997).

Correnteza chegou com sensação de impotência localizada *na minha mente*, disse. A experiência estava intelectualizada, o corpo fora do acesso direto. Durante a meditação, o chão que some produziu agonia imediata: *foi só agonia e uma falta de controle. E o medo de afogar*. A leitora gendrada de Queiroz (1997) apareceu em sua forma mais concreta: *eu não parei tanto para contemplar. Porque logo de início eu estava pensando: qual era o perigo de*

entrar no mar àquele horário. A avaliação chegou antes do contato. Mas o gesto de beber produziu a virada: *no momento em que surgiu o sol, que eu pude beber um pouco daquela água, fui me acalmando mais*. Do corpo emergiu uma pergunta nova: *como posso ir devagarzinho vivendo o que não posso controlar?*

Garoa chegou dois dias após uma viagem solitária ao litoral, o corpo ainda em velocidade. Quando a terapeuta evocou o gesto de beber o mar, Garoa o fez de verdade, com as mãos físicas, em concha. A elaboração veio do organismo, sem mediação intelectual: *aquela água salgada não é água que a gente está acostumada. É uma água que traz desconforto. Mas como essa água desconfortável... ela também nutria*. Na linguagem gestáltica, é ajustamento criativo em sua expressão mais livre (Perls, Hefferline e Goodman, 1997): o organismo que encontra uma resposta nova ao que é novo. Yontef (1998) descreveria esse momento como awareness em seu nível mais pleno, a experiência acontecendo com plena implicação sensorial antes de qualquer elaboração.

Brisa chegou com um tique no olho que não conseguia controlar, o sintoma sendo, ele mesmo, uma forma de controle que havia escapado ao controle. A perda do chão durante a meditação produziu descoberta: *tive uma sensação, pequena, libertadora. Que bom que eu sou pequena*. Que bom que eu me lembro de que sou pequena. A imensidão não ameaçou: liberou. E o gesto de beber tornou-se pertencimento: *eu sinto que um pedacinho disso que é tão grande faz parte de mim.*

Barthes (2004) nomearia esses momentos de punctum: o detalhe que fura antes de qualquer elaboração. Para Correnteza, o chão que some. Para Garoa, o desconforto que nutre. Para Brisa, a pequenez como liberdade. Três puncta distintos no mesmo texto, confirmando o que Jauss (1994) descreve como função emancipatória da literatura: o texto que desloca o leitor para fora da narrativa habitual de si mesmo.

CONCLUSÕES

O que a imensidão convoca no corpo de mulheres cisgênero não é experiência uniforme: é um encontro entre o texto e o padrão específico de cada organismo. Isso é simultaneamente clínico e político: clínico porque opera pelo corpo antes de operar pela mente; político porque, por um momento, o organismo feminino escapa ao imperativo que o ensinou a dominar a própria experiência antes de habitá-la (Segato, 2012). A Gestalt-terapia

fornece o quadro clínico (Perls, Hefferline e Goodman, 1997; Yontef, 1998), Clarice fornece o dispositivo, uma linguagem que não fala sobre a experiência, mas é a experiência (Nunes, 1989), e Amatuzzi (2001) fornece a epistemologia que une os dois: a psicoterapia como pescaria das não-palavras que importam para a pessoa. Um limite desta investigação é não problematizar suficientemente as diferenças de raça e classe dentro do grupo analisado, dimensão que pesquisas futuras precisam aprofundar.

REFERÊNCIAS

AMATUZZI, Mauro Martins. **Por uma psicologia humana.** Campinas: Alínea, 2001.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua.** Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GOTLIB, Nádia Battella. **Clarice: uma vida que se conta.** São Paulo: Edusp, 2013.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária.** Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

LISPECTOR, Clarice. Banhos de mar. In: **A descoberta do mundo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

NUNES, Benedito. **O drama da linguagem:** uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Ática, 1989.

PERLS, Frederick; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia.** São Paulo: Summus, 1997.

QUEIROZ, Vera. **Crítica literária e estratégias de gênero.** Niterói: EDUFF, 1997.

SEGATO, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. **e-cadernos CES,** v. 18, p. 106-131, 2012.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos:** cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2018.

YONTEF, Gary. **Processo, diálogo e awareness:** ensaios em Gestalt-terapia. São Paulo: Summus, 1998.